

Lugar como reunião: os lugares-samba paulistas
Thiago Rodrigues Gonçalves

TUAN, Yi-Fu. Place: An Experiential Perspective. **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151-165, abr. 1975.

_____. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Niterói, v. 1, n. 1, Inverno, p. 4-15, 2011.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. O samba paulista e suas histórias: textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da

trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista. **Saráo**, Campinas, v. 3, n. 2, 2004, p. 1-12.

_____. **Carnaval em Branco e Negro**: Carnaval popular paulistano: 1914-1988. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 396p.

Submetido em Junho de 2013.

Revisado em Junho de 2014.

Aceito em Julho de 2014.

GEOGRAFIA E LIRISMO SOCIAL EM “SENTIMENTO DO MUNDO”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Geography and social lyrism in Carlos Drummond de Andrade's "Sentimento do Mundo"

Felipe Cabañas da Silva¹

RESUMO

Tendo em mente o fato de que a geografia tem se aproximado cada vez mais da literatura, desde as últimas décadas do século XX, mas ainda demonstra maior predileção pela narrativa romanesca como objeto de estudos, este artigo objetiva propor uma reflexão sobre o gênero lírico, demonstrando como a poesia, tanto quanto o romance, oferece amplas possibilidades de reflexão e crítica para a geografia. Para isso, procura pensar o livro “Sentimento do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, amplamente considerado pela crítica como um dos maiores poetas sociais da literatura brasileira, e cujo lirismo social se amplifica no período 1940-1945, que engloba a publicação de “Sentimento do Mundo” (1940) e “A rosa do povo” (1945). Buscaremos demonstrar, pela análise empírica de alguns poemas da obra de 1940, como seu lirismo social está carregado de um conteúdo geográfico.

Palavras-chave: Geografia e literatura. Drummond. Lirismo social. Sentimento do Mundo

ABSTRACT

Keeping in mind that, since the last decades, geography is becoming closer to literature, but still shows preference for researching novels. This paper aim's to propose a discussion about the lyric genre demonstrating how poetry, as much as the novel, offers broad possibilities of critical reflection for geography. To achieve this goal, it brings about the book “Sentimento do Mundo”, written by Carlos Drummond de Andrade, considered by literary critics one of the most important Brazilian social poets, whose social lyrism is amplified in the 1940-1945 period, when “Sentimento do Mundo” (1940) and “A rosa do povo” (1945) were published. We intent to demonstrate, through empirical analysis of a group of poems of the book published in 1940, how this social lyrism is impregnated by geographical content.

Keywords: Geography and literature. Drummond. Social lyrism. Sentimento do Mundo.

¹ Mestrando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). fecdasilva@yahoo.com.br.
✉ Rua Tanabi, 20, ap. 6, Barra Funda, São Paulo, SP. 05002-010.

INTRODUÇÃO

As contribuições entre geografia e literatura têm sido crescentes e cada vez mais frutíferas. É notável que, sobretudo a partir da década de 1970 – embora Marc Brosseau identifique aproximações esparsas entre a ciência geográfica e a arte literária já no início do século XX (BROSSEAU, 1996, p. 25) – momento de grande efervescência da geografia, com transformações teórico-metodológicas e políticas envolvendo a disciplina, se efetua um movimento de aproximação direcionado à literatura que, visto historicamente, torna-se cada vez mais permanente.

No caso do Brasil, é nítido que a situação geográfica e cultural do país é fértil para esse tipo de abordagem, tendo em vista a notória diversidade do território, da demografia e da cultura do país. Antonio Cândido, neste sentido, reconhece a importância da literatura nacional – mas sobretudo das narrativas romanescas – para a interpretação do Brasil antes que aqui se firmasse uma comunidade acadêmica e científica consolidada, voltada ao estudo sistemático de questões nacionais, processo que só se solidificará plenamente no decorrer do século XX. Assim, segundo ele:

[...] o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e peripécias do que em certas regiões tornadas literárias, a sequência narrativa inserindo-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. Esta vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva de território. Primeiro, as pequenas vilas fluminenses de Teixeira e Souza e Macedo, cercando o Rio familiar e a sala-de-visitas, do mesmo Macedo e de Alencar, ou o Rio popular pícaro de Manuel Antônio; depois, as fazendas, os garimpos, os cerrados de Minas e Goiás, com Bernardo

Guimarães. Alencar incorpora o Ceará dos campos e das praias, os pampas do extremo sul; Franklin Távora, o Pernambuco canavieiro, se estendendo pela Paraíba. Taunay revela o Mato Grosso; Alencar e Bernardo traçam o São Paulo rural e urbano, enquanto o naturalismo acrescenta o Maranhão de Aluísio e a Amazônia de Inglês de Sousa (CANDIDO, 1969, p. 114).

Essa análise demonstra a perenidade das relações entre geografia e literatura no Brasil. Que os geógrafos se tenham aproximado de maneira mais sistemática dessa zona fértil apenas na segunda metade do século XX é fator positivo, que situa uma diversidade de caminhos e objetos de estudo ainda a percorrer nessas pesquisas – que o geógrafo Bertrand Lévy define como “pesquisas geo-literárias” (LÉVY, 1997, p. 29).

Todavia, como a própria avaliação de Cândido deixa transparecer, além do esclarecedor histórico que traça Brosseau (1996, p. 25-47) no livro “*Des romans géographes*”, a narrativa romanescas – sobretudo a realista – goza de um prestígio junto à geografia que acaba por ofuscar os outros gêneros literários. Os motivos desse prestígio não são difíceis a adivinhar, afinal a verve descritiva da geografia e a verve científica do romance realista propiciam uma equação intelectual bastante interessante. Além do mais, o romance é, em tese (e frise-se esse “em tese”, uma vez que o gênero romanescos possui enorme diversidade interna), o gênero literário mais independente da participação da subjetividade do indivíduo, que costuma manter relações tensas com a objetividade da ciência.

Buscando explorar outros universos para além do gênero romanescos, este artigo visa analisar a presença do espaço geográfico em “Sentimento do Mundo”, uma das mais importantes obras de Carlos Drummond de Andrade.

A escolha do autor justifica-se por certo consenso crítico em torno do grande teor social de sua obra. Antonio Cândido, neste sentido,

chega a defini-lo como o "maior poeta social da nossa literatura contemporânea" (CÂNDIDO, 2011, p. 85); Vagner Camilo, por sua vez, frisa que, a partir da publicação de "Sentimento do Mundo" (1940), Drummond passa "a ser saudado como o nosso maior poeta público" (CAMILO, 2002, p. 64). A partir deste momento, o lirismo social do autor se exacerba e chega ao ápice com "A rosa do povo" (1945), "uma das grandes obras da literatura participante no Brasil" (SIMON, 1978, p. 59) o que demonstra o comprometimento não apenas social como histórico de seu autor, já que, como salienta Sant'Anna, este é um momento de produção de "uma literatura utópica e ideologizada" (SANT'ANNA, 2008, p. 10).

Alguns dados biográficos desse período corroboram a hipótese da inquietação social e política do autor, como sua participação, por alguns meses em 1945, na edição do periódico Tribuna Popular, de orientação comunista (ANDRADE, 2007, p. 85), a convite de Luís Carlos Prestes. Pretendemos demonstrar que esse lirismo social apresenta-se intensamente permeado pelo espaço geográfico, a partir de uma análise lírico-espacial do livro "Sentimento do Mundo".

DO VOCABULÁRIO

A literatura é a arte da palavra. Esta constatação, óbvia em aparência, tem um caráter importante no sentido de revelar as primeiras pistas de uma busca por geografia numa obra literária, sobretudo numa obra de poesia – esta, a arte que leva o poder expressivo da palavra às últimas consequências.

Nossa hipótese é que o lirismo social do autor carrega consigo o espaço geográfico, uma vez que este é necessariamente composto pela sociedade e a natureza. O volume de seu "vocabulário geográfico" – entendendo este como um conjunto de vocábulos, até mesmo de uso

comum, que referenciam diversos elementos do espaço geográfico –, que salta aos olhos já numa primeira leitura da obra, fornece uma primeira confirmação dessa presença.

Por conta dessa importância, e sob a influência de um dos mais importantes ensaios sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade, "Drummond: o gauche no tempo", de Affonso Romano de Sant'Anna (1972, p. 159-160; 169-172), prolífico nesse tipo de procedimento, procuramos organizar o vocabulário geográfico presente na obra segundo sua recorrência nos poemas, conforme Tabela 01².

Desnecessário é sublinhar que este procedimento é um meio e não um fim em si – como, aliás, no ensaio de Sant'Anna – e que as palavras foram nesse levantamento consideradas isoladas de seu significado no discurso lírico do autor. Também gostaríamos de salientar que assim procedendo não intentamos limitar as potencialidades interpretativas da obra, uma vez que a riqueza do universo lírico reside não somente em reproduzir um sentido dado a priori mas sobretudo engendrar novos sentidos – sociais, geográficos, políticos ou psicoemocionais. Este levantamento tem como único intuito permitir uma visualização empírica da presença da geografia na obra, presença empírica que deve ser derivada para a interpretação crítica, onde se busca salientar novos sentidos que estejam além da superfície vocabular e estatística. Explanar essa presença do ponto de vista empírico, entretanto, exige a definição de critérios objetivos de análise, que se constituem apenas como um critério interpretativo inicial. Julgamos que essa abordagem, entretanto, permite inferências bastante interessantes.

² Salientamos que essas estatísticas são aproximadas e têm como única finalidade oferecer uma visualização simplificada do que entendemos como vocabulário geográfico na obra. Desta forma, estão abertas ao questionamento e ao aperfeiçoamento, por isso especificamos para cada estatística os poemas exatos em que encontramos o tipo de vocabulário em questão.

Geografia e lirismo social em "Sentimento do mundo", de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

VOCABULÁRIO	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM ¹
Alusões ao espaço geográfico como um todo (cidade, natureza, campo, países, paisagem, etc.)	Encontradas em 26 poemas de 28 (Todos os poemas do livro, excetuando-se "Os mortos de sobrecasaca" e "Bolero de Ravel". Ficam excluídos esses poemas pelos critérios objetivos aqui definidos, o que não impede que sua interpretação crítica encontre um sentido geográfico subjacente à sua construção lírica.)	92%
Arruamento urbano (vocábulo rua e avenida)	7 poemas de 28 ("Canção da moça-fantasma de Belo Horizonte"; "O operário no mar"; "Menino chorando na noite"; "Brinde no juízo final"; "A noite dissolve os homens"; "Madrigal lúgubre"; "Mundo grande".)	25%
Vocábulo cidade	6 poemas de 28 ("Menino chorando na noite"; "Privilégio do mar"; "La possession du monde"; "Ode no cinquentenário do poeta brasileiro"; "Elegia 1938"; "Mundo grande".)	21%
Todos os elementos urbanos (ruas, avenidas, carros, prédios, etc.)	19 poemas de 28 ("Confidência do Itabirano"; "Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte"; "Tristeza do império"; "O operário no mar"; "Menino chorando na noite"; "Morro da Babilônia"; "Brinde no juízo final"; "Privilégio do mar"; "Inocentes do Leblon"; "Indecisão do Méier"; "La possession du monde"; "Ode no cinquentenário do poeta brasileiro"; "Os ombros suportam o mundo"; "Revelação do subúrbio"; "Madrigal Lúgubre"; "Lembrança do mundo antigo"; "Elegia 1938"; "Mundo Grande"; "Noturno à janela do apartamento")	67%
Unidades administrativas	16 poemas de 28 ("Sentimento do mundo"; "Confidência do Itabirano"; "Poema da necessidade"; "Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte"; "Tristeza do império"; "O operário no mar"; "Morro da Babilônia"; "Congresso Internacional do Medo"; "Canção de berço"; "La possession du monde"; "Ode no cinquentenário do poeta brasileiro"; "Dentaduras duplas"; "Revelação do subúrbio"; "Madrigal Lúgubre"; "Lembrança do mundo antigo"; "Mundo Grande")	57%
Vocábulo guerra	6 poemas de 28 ("Sentimento do Mundo"; "Tristeza do Império"; "Ode no cinquentenário do poeta brasileiro"; "Os ombros suportam o mundo"; "Madrigal Lúgubre"; "Elegia 1938")	21%
Elementos da vida rural	5 poemas de 28 ("O operário no mar"; "Confidência do Itabirano"; "Canção da moça-fantasma de Belo Horizonte"; "Revelação do Subúrbio"; "A noite dissolve os homens".)	17%
Elementos da natureza	20 poemas de 28 ("Sentimento do mundo"; "Poema da necessidade"; "Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte"; "Tristeza do império"; "O operário no mar"; "Morro da Babilônia"; "Congresso Internacional do Medo"; "Privilégio do mar"; "Inocentes do Leblon"; "Canção de berço"; "La possession du monde"; "Ode no cinquentenário do poeta brasileiro"; "Mãos dadas"; "Revelação do subúrbio"; "A noite dissolve os homens"; "Madrigal Lúgubre"; "Lembrança do mundo antigo"; "Elegia 1938"; "Mundo Grande"; "Noturno à janela do apartamento".)	71%

Tabela 01 - Frequência da ocorrência do vocabulário geográfico presente em "Sentimento de mundo".
Organização: o autor.

Geografa e lirismo social em “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

Ao vasculhar a obra em busca dos vocábulos rua/avenida, encontramos sua presença somente em 7 de 28 poemas (25%). Porém, estendendo a busca a todas as palavras alusivas à vida urbana (exemplos: nomes de cidade; elementos da vida urbana, como carro, automóvel, calçadas, edifícios, etc.; bairros ou regiões urbanas; trabalhadores urbanos; monumentos urbanos e adjetivos de qualificação do urbano) encontramos 19 de 28 poemas (67%). Essa presença expressiva da vida urbana na obra se justifica pelo fato de que “Sentimento do Mundo” é o primeiro livro publicado por Drummond fora de Minas Gerais, seu primeiro livro publicado no Rio de Janeiro, cidade para onde se muda em 1934 – o livro, lembramos, é publicado em 1940 (ANDRADE, 2007, p. 84-85). É evidente que, para o poeta “do tempo presente, dos homens presentes, da vida presente”, sua experiência no Rio de Janeiro deveria naturalmente constituir a matéria de seu labor poético.

Isso explica, também, a rarefação do vocabulário sobre o campo, bem como, contraditoriamente, a presença expressiva da natureza, uma vez que o Rio de Janeiro é a metrópole de incontáveis monumentos naturais. Um outro apontamento importante desses dados é que, como vemos na primeira linha da tabela, em apenas 2 poemas do livro (7%) não pudemos apontar nenhum vocabulário alusivo ao espaço geográfico. Os indícios apontados na tabela, mas sobretudo este último, mostram claramente a pertinência crítica de uma abordagem geográfica da obra.

DO SENTIMENTO DE ITABIRA AO SENTIMENTO DO MUNDO

Para além das constatações vocabulares, os dois primeiros versos do livro já nos colocam diante de sua ambição universal: “Tenho apenas duas mãos / e o sentimento do mundo” (ANDRADE, 2007, p. 17), versos que nos lembram da afirmação de Adorno, em sua “Palestra sobre

lírica e sociedade”: “A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal” (ADORNO, 2003, p. 66).

Esta é também, contraditoriamente, uma declaração de humildade, de um poeta que se encontra no início de sua atividade literária (este é apenas seu terceiro livro) e vê-se, após sua saída da província, solitário na metrópole, com suas ferramentas de trabalho e toda a sensibilidade lírica. Lembremos também que em Drummond poesia é atividade laboral, como muito bem indica em suas célebres considerações sobre o trabalho lírico:

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de consciência com as forças líricas do mundo, sem entregar-se aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser a mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos (ANDRADE, 1944, p. 73).

Paradoxal é que após este primeiro poema, cujo papel é de uma verdadeira declaração de princípios da obra, que externa seu caráter universal e de onde se pode rastrear uma presença cosmopolita, nos deparemos com a dramática “Confidência do Itabirano”:

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

Geografia e lirismo social em "Sentimento do mundo", de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

(ANDRADE, 2007, p. 19)

Atentemos primeiramente a essa presença aparentemente enigmática do ferro: na cidade, nas calçadas, nas almas. Liricamente, o poeta representa a condição geográfica e produtiva da cidade, uma vez que Itabira situa-se na região do quadrilátero ferrífero, sendo notório polo de mineração. Nas entrelinhas da lírica social, identificam-se portanto as entrelinhas do espaço.

Mas o que gostaríamos de destacar nesses dois primeiros poemas é a contradição entre o sentimento do mundo, seu traço cosmopolita, universal, e a persistência melancólica de um sentimento de itabirano, provinciano, **local**. O choque entre ambos delinea-se claramente na última estrofe: "Tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público. / Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói!". A dor, aqui, indica a persistência de Itabira como herança da qual o eu lírico desejaria se desvencilhar, sem encontrar, no entanto, essa possibilidade.

Esse tipo de conflito binário insolúvel não é estranho à obra drummondiana. Novamente, nos referimos a Sant'Anna, que identifica uma oposição básica que permeia toda a obra do poeta mineiro: eu

versus mundo, "que é a síntese de um vasto sistema de oposições da obra: claro-escuro, província-metrópole, essência-aparência, tudo-nada, esquerda-direita, instante-eternidade, construção-destruição, vida-morte" (SANT'ANNA, 1972, p. 17).

Interessante, aqui, salientar a presença dos polos província-metrópole na formação dialética do lirismo do autor. São esses polos que se fazem presentes na abertura da obra "Sentimento do Mundo" e sugerem uma presença marcante de um conteúdo socioespacial implicado na expressão do eu lírico.

Carioca e itabirano, provinciano e cosmopolita, universal e local, o autor estabelece sua dimensão geográfica, seu "ser-estar no mundo", ou sua "geograficidade" (MOREIRA, 2008, p. 143). A sequência dos poemas comprova que esta é uma dimensão importante, se não fundamental, em toda a obra.

A CIDADE E AS CONTRADIÇÕES SOCIAIS

Essa fase do lirismo social de Carlos Drummond de Andrade, que abarca a publicação de "Sentimento do Mundo" e "A rosa do povo", mostra-se intensamente permeada pela presença urbana, pelos temas da cidade – o Rio de Janeiro, então capital federal, sendo o palco privilegiado desse lirismo socioespacial –, incluindo as contradições sociais que desdobram-se em contradições urbanas. Este movimento é natural, pelo fato de que é a condição urbana que nesse momento situa a geograficidade do autor.

Notadamente, a grande metrópole angustia o eu lírico que, após constatar em seu primeiro livro que seu coração era mais vasto que o mundo – "Mundo mundo, vasto mundo, / mais vasto é o meu coração" (ANDRADE, 2002, p. 16) –, vê-se apequenado pelo entorno: "Não, meu

Geografia e lirismo social em “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

coração não é maior que o mundo. / É muito menor. / Nele não cabem nem as minhas dores” (ANDRADE, 2007, p. 75).

Conhecemos o extremo poder da metrópole sobre a sensibilidade do indivíduo, produzindo esta impressão do “apequenar-se”, por fatores vários: a imponência da arquitetura, o volume das grandes massas que a habitam e nela circulam, a aridez de uma paisagem dominada pelo concreto e pelo automóvel, forças intensas que fogem ao controle do sujeito e exercem sobre ele um poder carregado de violência simbólica.

Dessa angústia de um eu lírico sensível frente à metrópole incontrolada e da consciência de um intelectual socialmente comprometido nasce uma representação acurada das contradições socioespaciais. Assim, o poeta debruça-se ao mesmo tempo sobre o “Morro da Babilônia”, favela da zona sul carioca e, depois, ironicamente realiza uma análise – que poderíamos chamar psicossocial – dos “Inocentes do Leblon”. Analisemos o primeiro poema:

À noite, do morro
descem vozes que criam o terror
(terror urbano, cinquenta por cento de cinema,
e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua geral).
Quando houve revolução, os soldados se espalharam no morro,
o quartel pegou fogo, eles não voltaram.
Alguns, chumbados, morreram.
O morro ficou mais encantado.

Mas as vozes do morro
não são propriamente lúgubres.
Há mesmo um cavaquinho bem afinado
que domina os ruídos da pedra e da folhagem
e desce até nós, modesto e recreativo,
como uma gentileza do morro.

(ANDRADE, 2007, p. 33)

Segundo Poncioni, nesse momento, Drummond mora “numa casa de vila na atual Avenida Princesa Isabel, no Rio de Janeiro, lindeira do Morro da Babilônia” (PONCIONI, 2009, p. 18), isto é, o poeta mostra-se efetivamente como lírico “do tempo presente, da vida presente, dos homens presentes”, buscando compreender a realidade social à sua volta. Nesse poema, ainda segundo Poncioni, o poeta “se confessava o medo de um mundo desconhecido que lhe chegava apenas através das trevas, se denunciava a existência de dois mundos que se desconheciam, situando claramente a origem étnica dos favelados e a sua” (PONCIONI, 2009, p. 18). O final do poema expressa um ensaio de superação do medo e conciliação: “Mas as vozes do morro / não são propriamente lúgubres. / Há mesmo um cavaquinho bem afinado / que domina os ruídos da pedra e da folhagem / e desce até nós, modesto e recreativo, / como uma gentileza do morro”.

Podemos ver nestes versos uma espécie de “cartografia poética do apartheid”: o poeta, o intelectual, membro das classes médias urbanas e funcionário público dos poderes da República (neste momento, Drummond já é chefe de gabinete de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde Pública) trafega entre o medo e a conciliação na expressão da favela. Sente e expressa o apartheid social, mas gostaria de superá-lo. Mais adiante, em outro poema, nos deparamos com uma caracterização social do extremo oposto ao “Morro da Babilônia”:

Os inocentes do Leblon

não viram o navio entrar.
Trouxe bailarinas?
trouxe emigrantes?
trouxe um grama de rádio?
Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,

Geografia e lirismo social em “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem.

(ANDRADE, 2007, p. 43)

Podemos ver, pelo uso que o poeta faz da preposição “do”, que o grupo caracterizado no poema pertence ao tradicional bairro de classe média do Rio de Janeiro, e não está em trânsito, o que seria caracterizado pela preposição “no”. Com a ironia que lhe é peculiar, Drummond encena liricamente um grupo de pessoas que languidamente se deixam ficar na praia e, fechados em sua experiência de prazer, “não viram o navio entrar”. Esse segundo verso delimita a ignorância que é corroborada pelo sexto verso: “Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram”. Tanto faz se o navio entrou; tanto faz o que trouxe o navio, importa passar um óleo suave nas costas e esquecer.

A paisagem carioca fornece o cenário ideal para seu exercício irônico-lírico, mas o mais importante fica por conta da caracterização social. O pertencimento a um tradicional bairro de classe média e a postura frente à realidade de seus personagens deixam transparecer uma ácida crítica de cunho social – em especial à classe dominante. Entre o “Morro da Babilônia” e os “inocentes” do Leblon, como seria possível debelar o medo e realizar a conciliação diante de tamanho abismo e da ignorância (aqui entendida como alienação, não como “desconhecimento”) dos que ocupam o topo da pirâmide social? Neste caso, obviamente, pela ironia o poeta afirma a culpa dos pretensos inocentes: culpa da ignorância, culpa de fechar-se à realidade, culpa de não buscar observar e compreender como o poeta o mundo à sua volta e, por tudo isso, negar a possibilidade de solidariedade que se almeja em Morro da Babilônia.

Aqui, vemos o melhor lirismo social do autor tingido de sua inevitável dimensão espacial. Esse juízo social também se faz presente – e até de

forma mais aguda – no poema “Privilégio do Mar” – de título, por si só, já bastante sugestivo:

Neste terraço mediocrementemente confortável,
bebemos cerveja e olhamos o mar.
Sabemos que nada nos acontecerá.

O edifício é sólido e o mundo também.

Sabemos que cada edifício abriga mil corpos
Labutando em mil compartimentos iguais.
Às vezes, alguns se inserem fatigados no elevador
e vêm cá em cima respirar a brisa do oceano,
o que é privilégio dos edifícios.

O mundo é mesmo de cimento armado.

Certamente, se houvesse um cruzador louco,
fundeado na baía em frente da cidade,
a vida seria incerta... improvável...
Mas nas águas tranquilas só há marinheiros fiéis.
Como a esquadra é cordial!

Podemos beber honradamente nossa cerveja

(ANDRADE, 2007, p. 41).

O mar, aqui, aparece então como um privilégio, uma lúcida caracterização da dialética socioespacial do Rio de Janeiro, onde a proximidade do mar e das melhores praias acabou historicamente por definir as áreas de valorização ou desvalorização imobiliária.

Neste poema, vemos traçar-se uma nítida associação entre bairro, classe social e bem-estar, tendo em vista estarmos situados num edifício com terraço superior, peculiaridade da arquitetura carioca nas regiões mais abastadas, existente sobretudo em função da paisagem marítima. Desfrutar desse terraço, sorver a brisa do oceano nesta estrutura “mediocrementemente confortável” é um privilégio. Novamente,

Geografa e lirismo social em “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

estamos diante de um poema carregado de uma ironia aguda, por trás da qual se estabelece uma vigorosa crítica que não esconde seus elementos geográficos.

Esses três poemas ilustram de forma bastante clara a intensidade do lirismo social deste período e como este lirismo está imbuído dos inevitáveis elementos geográficos que fazem parte da realidade do autor, oferecendo um panorama da observação e expressão sensível de uma metrópole moderna e contraditória. Sua “vida presente”, quando da publicação de “Sentimento do Mundo”, é a cidade do Rio de Janeiro e suas peculiaridades físicas e sociais, portanto é natural que a cidade desempenhe um importante papel no conjunto do livro.

A cidade e as contradições sociais, bem entendido, não se restringem a esses três poemas. A representação da periferia, por exemplo, faz-se também presente de forma muito clara e sugestiva no poema “Revelação do Subúrbio”:

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a vidraça do carro,
vendo o subúrbio passar.
O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.
A noite come o subúrbio e logo o devolve.
ele reage, luta, se esforça,
até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais
e à noite só existe a tristeza do Brasil

(ANDRADE, 2007, p. 65).

Já em “Tristeza do Império”, vemo-nos novamente diante de uma irônica caracterização social carregada de seus elementos geográficos:

Os conselheiros angustiados
ante o colo ebúrneo
das donzelas opulentas
que ao piano abemolavam

“bus-co a cam-pi-na se-re-na
pa-ra li-vre suspirar”,
esqueciam a guerra do Paraguai,
o enfado bolorento de São Cristóvão,
a dor cada vez mais forte dos negros
e sorvendo mecânicos
uma pitada de rapé,
sonhavam a futura libertação dos instintos
e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus
[de Copa cabana, com rádio e telefone automático

(ANDRADE, 2007, p. 27).

Como demonstrou a acessória análise estatística que estabelecemos acima, o vocabulário geográfico isolado tem uma forte importância no livro, e quando deixamos a análise isolada das palavras para construir a interpretação crítica do discurso lírico do autor confirmase a importância do espaço geográfico para a obra e abre-se uma multiplicidade de possibilidades ao olhar do geógrafo.

Muito longe de buscar esgotar essas possibilidades, este artigo contenta-se com a indicação dessa multiplicidade – quiçá esta possa contribuir com outras interpretações geográficas da obra drummondiana ou enriquecer o debate dos críticos literários –, e com o ensaio de interpretação de alguns dos momentos que julgamos mais pertinentes ao olhar geográfico.

Representando uma grande cidade moderna e suas contradições, não poderia ausentar-se do universo lírico do autor uma representação do trabalho e do trabalhador, bem como de seus embates sociais. É o que se analisa a seguir.

POETA *VERSUS* OPERÁRIO

Talvez inserido no “vasto sistema de oposições” que é parte integrante da obra, em “Sentimento do Mundo” vemos encenar-se

Geografa e lirismo social em “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

uma confrontação dramática entre o poeta, isto é, o intelectual, quase sempre integrante das classes médias urbanas, e o operário, isto é, o trabalhador braçal proletarizado que é talvez o maior símbolo humano da modernidade urbano-industrial: “Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos” (ANDRADE, 2007, p. 29).

Com esses versos do poema “O operário no mar” – em verdade um poema em prosa, isto é, misto de poema e conto – podemos vislumbrar o caráter do choque, de onde se pode depreender não somente a caracterização muito objetiva de um conflito social como também um absoluto ceticismo do autor, que rejeita um otimismo romântico fácil sobre a união entre os intelectuais e os trabalhadores – por isso Vagner Camilo afirma que “O operário no mar constrói-se à custa da desconstrução do discurso panfletário e não menos populista da esquerda militante, expondo o que há nele de ingênuo e reificador” (CAMILO, 2002, p. 73).

O embate lírico entre poeta e operário termina por figurar como representação humana da clivagem de classe expressa entre o “Morro da Babilônia” e os “Inocentes do Leblon” e privilegiados do mar. De um lado, temos o apartheid indicado em elementos urbanos, isto é, em dimensão macro, coletiva; de outro, sua representação no plano do indivíduo, que encarna as contradições sociais.

Esta é uma outra dimensão do embate social e de sua possibilidade de resolução, de conciliação, que é colocada em questão. Na consciência erudita do poeta, entretanto, as múltiplas dimensões sociais se imbricam – como tem de ser e convém a um poeta social desta envergadura.

Como em “Morro da Babilônia”, em “O operário no mar” o final também ensaia a conciliação. Após o choque (“Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão”), temos a esperança: o operário, à maneira de um santo, anda sobre o mar, “com peixes que escorrem de suas mãos”: “Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal” (ANDRADE, 2007, p. 29); e, por fim, o operário lança ao poeta, do mar, um “sorriso úmido” (ANDRADE, 2007, p. 30): “Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?” (ANDRADE, 2007, p. 30)

Notemos primeiramente que o poeta, ao mesmo tempo em que encena o operário na posição de santo, caminhando sobre o mar com peixes que escorrem de suas mãos, nega-lhe absolutamente a santidade (“não há nenhuma santidade no operário”). A imagem de um santo sem santidade assemelha-se à figura do herói, um indivíduo de carne e osso que empreende atos de vanguarda, tem o poder de enfrentar os maiores sacrifícios em prol de uma causa – porém, à diferença do santo, restringindo-se ao plano da matéria. Santo e herói, cada um à sua maneira, cumprem a função de ídolos – o primeiro, cultuado no plano espiritual; o segundo, no plano material.

Para retomar alguns dos elementos mais importantes da interpretação da lírica drummondiana deste período, como seu notório desejo de participação política, essa heroicização do operário não é estranha a certo marxismo dogmático, muito em voga até determinado momento do século XX, para o qual o operário, o proletário, passa da

Geografia e lirismo social em “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

condição de sujeito histórico revolucionário à condição de herói, de ídolo, de objeto de adoração.

Em seguida, novamente a conciliação. O sorriso do operário viaja as águas para beijar o rosto do poeta e levar-lhe uma esperança de compreensão; sim, quem sabe um dia o poeta o compreenderá, quem sabe um dia a classe média aceitará as gentilezas que descem o morro (o cavaquinho do “Morro da Babilônia” e o sorriso de “O operário no mar”) e se realizará a conciliação e a paz social?

Os ensaios de conciliação em “Morro da Babilônia” e “O operário no mar”, longe de representar a resolução dos conflitos postos pelo livro e pela própria essência do lirismo drummondiano, têm a função de situar no horizonte a esperança, que também tem na ironia – esta afinal uma forma de humor – uma de suas sutis formas de manifestação.

Novamente, nos vemos diante de um lirismo nitidamente de cunho social, do qual podemos apreender um conteúdo geográfico ou socioespacial. Poeta e operário, aqui, representam claramente suas classes sociais, e seu embate é uma alegoria das próprias distensões sociais que envolvem essas classes – distensões também muito nítidas nas representações dos poemas que abordamos anteriormente. O operário, além do mais, pode ser aqui compreendido como símbolo humano da modernidade urbano-industrial que inquieta o poeta e integra sua expressão lírica. A tentativa de compreensão desse símbolo, por isso, pode ser vista como um de seus esforços na busca de compreensão da própria modernidade, na qual está inserido como cidadão e poeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar neste artigo, primeiramente, através de uma análise empírica da obra “Sentimento do Mundo”, de Carlos

Drummond de Andrade, a possibilidade de análise crítica da lírica no âmbito das pesquisas geo-literárias, nas quais historicamente predominou um interesse pelas narrativas romanescas como objeto de estudo – as causas dessa predileção são variadas, mas devem ser objeto de um outro artigo.

Evidentemente, a poesia coloca tipos diferentes de desafios ao pensamento geográfico, sobretudo por seu caráter mais fragmentário e independente das estruturas tradicionais do discurso – fragmentarismo e independência que se acentuam na lírica moderna, como bem demonstra o estudo de Hugo Friedrich, “Estrutura da lírica moderna” (1991). Todavia não diminui a qualidade e a intensidade das associações geo-literárias possíveis.

Buscamos fazer essa associação com a obra de Carlos Drummond de Andrade, pelo seu evidente traço social – a partir de um livro de sua fase mais politizada, quando há um recrudescimento desses contornos sociais –, mas é necessário reconhecer que outros autores da poesia brasileira contemporânea também oferecem um fértil terreno para a investigação geográfica, como, sobretudo, João Cabral de Melo Neto, com “Morte e vida Severina”, uma ode às agruras do migrante sertanejo em busca de uma vida melhor na Zona da Mata, mas também Manuel Bandeira e Mário Quintana, pela importante presença da vida cotidiana em sua lírica.

Sobre o livro “Sentimento do Mundo”, é importante destacar a riqueza de seu temário, a confirmação empírica de seu notório traço social e a nítida imbricação do espaço nas entrelinhas desse conteúdo social. Evidentemente, não pretendemos esgotar a interpretação da obra pelo olhar da geografia, nem tampouco a interpretação dos próprios poemas que foram analisados no decorrer deste artigo, que certamente podem ser abordados por outros ângulos ou ter destacados outros pontos de seu conteúdo.

Geografia e lirismo social em "Sentimento do mundo", de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

Nossa análise centrou-se em demonstrar a presença do espaço geográfico no lirismo social e, para tanto, selecionamos os poemas que julgamos mais significativos deste ponto de vista. Esse julgamento é necessariamente contingente, particular, envolvendo a subjetividade e o sistema de valores do pesquisador. Neste ponto, situamos mais uma das importantes contribuições da poesia ao pensamento crítico e à geografia, que é não somente destacar a importância da sensibilidade do poeta, como também aguçá-la no pesquisador, enriquecendo o conteúdo humanístico da pesquisa social.

Podemos dizer que o livro de Drummond é uma prova da tese de Adorno segundo a qual "a composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal" (ADORNO, 2003, p. 66), demonstrando que o mergulho na subjetividade do indivíduo não anula a realidade social responsável por sua constituição e conseqüentemente pela produção da obra.

Assim, pudemos perceber que o eu lírico situa nitidamente sua geografia e representa as principais contradições socioespaciais que observa em sua realidade na metrópole carioca dos anos 1930, ao mesmo tempo que uma parte de si ainda é intensa e melancolicamente itabirana, formando um eu lírico tanto provinciano quanto absolutamente cosmopolita. Como consequência dessa dialética, também podemos depreender, ainda que de forma mais subjacente, uma representação da própria modernidade, que tem no operário um de seus símbolos humanos.

A imbricação entre geografia, contradições socioespaciais e modernidade pode ser um caminho para a interpretação geográfica da obra, que ocupa papel importante na produção literária drummondiana e representa o ambiente que a gestou com uma lucidez particular – ainda que pelos contornos da complexa lírica moderna.

Desta forma, vemos como a geografia, sem absolutamente invalidar os outros pontos de vista críticos do livro, pode somar-se, por seu ângulo interpretativo, à sua fortuna crítica; da mesma forma, como a obra de intenso teor social pode dar contribuições interessantes aos estudos geo-literários brasileiros.

Outra questão importante que buscamos discutir diz respeito ao vocabulário: embora esta não possa ser utilizada como a principal estratégia de compreensão, não substituindo em nenhuma hipótese a leitura e arguição crítica da obra, a análise de vocabulário sob uma ótica geográfica, sobretudo na poesia, pode acrescentar considerações importantes sobre a relação da obra e do autor com sua geografia, bem como apontar os mais férteis caminhos interpretativos no interior de cada obra.

Esperamos ter dado modestas contribuições para os temas apontados no decorrer deste artigo, sempre reconhecendo que o universo lírico é extremamente amplo, cada vez mais avesso às rédeas e padronizações e delimita com frequência novos desafios, que exigem a construção, por parte dos pesquisadores, de novas estratégias interpretativas, de maneira a impossibilitar a determinação de padrões hermenêuticos imutáveis. Essa dinâmica, em que pesem as dificuldades interpostas, tende a expandir os limites da pesquisa geográfica, sendo esta talvez a sua principal contribuição à disciplina. ☉

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro, Améric-Edit., 1944.

Geografia e lirismo social em "Sentimento do mundo", de Carlos Drummond de Andrade
Felipe Cabañas da Silva

_____. **Alguma Poesia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Sentimento do mundo**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BROSSEAU, Marc. **Des romans géographes**. Paris: L'harmattan, 1996.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1969.

_____. **Inquietudes na poesia de Drummond**. In: Vários Escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CAMILO, Vagner. A cartografia lírico-social de Sentimento do Mundo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 64-75, 2002.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

LÉVY, Bertrand. Géographie culturelle, géographie humaniste et littérature : Position épistémologique et méthodologique. **Géographie et Cultures**, n. 21, p. 27-44, 1997.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. Ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2008.

PONCIONI, Cláudia. Drummond, o favelário e o patrimônio. **Navegações (PUCRS)**, Porto Alegre, v.2, n.1, p.17-33, jan./jun. 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond: o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Lia/Editor, 1972.

_____. A flor, a vida, a poesia

. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 41ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SIMON, Iumna Maria. **Drummond, uma poética do risco**. São Paulo: Ática, 1978.

Submetido em Maio de 2014.

Revisado em Junho de 2014.

Aceito em Julho de 2014.